

## **A DINÂMICA AGRÍCOLA NO ASSENTAMENTO SÃO JOAQUIM, LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE TEIXEIRA-SOARES/PR: desafios para uma transição agroecológica**

Arlete Menezes Lourenço Bakovicz<sup>1</sup>  
Cecília Hauresko<sup>2</sup>

**Resumo:** O trabalho apresentado se refere à uma parte da pesquisa de mestrado em Geografia realizada na Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO e destaca um dos grupos de agricultores agroecológicos do Assentamento São Joaquim localizado em Teixeira Soares-PR, fundado em 1987 com a chegada de 25 pessoas de diversas regiões do Paraná para ocupar uma fazenda de aproximadamente 800 alqueires de terras. Atualmente o assentamento abriga 96 famílias, dessas, 09 produzem no sistema agroecológico, em fase de transição. Esses agricultores estão organizados em grupo e praticam a produção nos princípios agroecológicos principalmente no que tange ao cultivo de hortaliças, mesmo que a produção agrícola no sistema convencional ainda represente a maior base econômica das famílias. Também são apontadas neste trabalho algumas dificuldades relatadas por esses agricultores, sendo principalmente a inserção da produção agrícola no mercado e a concentração de terras.

**Palavras-chave:** Agroecologia, Organização, Assentamento.

### **Introdução**

No Brasil, o meio rural vem passando por um intenso processo de transformação movido pelo veloz avanço do capitalismo no campo de forma geral e, na agricultura, em particular, objetivando principalmente a produção de *commodities* para exportação. Entende-se que esse processo, por um lado, tem conseguido produções volumosas, batendo recordes a cada ano que passa, mas por outro lado, tem provocado sérios problemas sociais e ambientais. Com relação aos problemas sociais podemos citar o esvaziamento e o empobrecimento da população rural, a perda dos valores e das diversas manifestações culturais das comunidades rurais e consequente redução da segurança alimentar dos agricultores e dos consumidores urbanos. No que tange aos problemas ambientais observa-se um crescente nível de degradação do ambiente, como por exemplo, o esgotamento dos solos, poluição das águas, intoxicação e contaminação dos produtos e dos agricultores pelo uso intensivo de agroquímicos tóxicos, uso indiscriminado da água e aumento no uso de variedades transgênicas, que resultam na redução da biodiversidade. O estado do Paraná é um estado de base agrícola e sendo assim, os impactos dessa atividade são expressivos e pioram cada vez mais o meio natural, ou especificamente ao Bioma Mata Atlântica que continha uma biodiversidade abundante e que, pouco a pouco, está sendo substituída pela agricultura e florestas exóticas, como pinus e eucaliptos. Diante disso,

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Centro-Oeste, armenezesbakovicz@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Centro-Oeste, cehauresko@gmail.com

faz-se urgente, debater e propor encaminhamentos no sentido de fortalecer e valorizar os novos tipos de agriculturas que se apoiam na Agroecologia, através de apoio técnico e subsídios aos agricultores que buscam a transição para uma agricultura, cuja dinâmica produtiva se fundamenta nos princípios da agroecologia.

O presente estudo é um recorte da pesquisa de pós graduação-stricto sensu/mestrado em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava-PR, na qual discute-se a história, a dinâmica e a construção de territórios mais autônomos por agricultores agroecológicos do Núcleo Monge João Maria. O trabalho que se apresenta, tem como foco apenas um dos grupos de agricultores participantes do referido Núcleo que é o Assentamento São Joaquim do município de Teixeira Soares-PR. Aborda-se as experiências de um grupo de nove famílias agricultoras que divide o assentamento com mais 87 famílias, as quais desenvolvem a agricultura pautada no sistema convencional, ou seja, no modelo herdado da Revolução Verde. A metodologia predominante neste trabalho é a realização de entrevistas, participação nas reuniões do grupo e análise das atas. O mencionado grupo tem importância fundamental nesse processo de transição para cultivo baseado nos princípios agroecológicos.

### **Transição agroecológica: algumas considerações**

O modelo de desenvolvimento agrícola hegemônico e seus processos de produção e consumo, vêm sendo criticados por diversos estudiosos, devido às ameaças à sustentabilidade ambiental e à saúde, que vulnerabilizam e aprisionam diferentes territórios e populações na sua condição de agricultores e moradores. A esse fato alia-se concentração de terras, pois a prioridade é sempre o acúmulo de capital em detrimento da qualidade de vida para toda a população. Também não há preocupação com a preservação do meio ambiente e, a natureza é vista como um recurso a ser negociado. Diante desta exploração desenfreada e desequilibrada dos recursos naturais, ainda encontram-se grupos que utilizam esses bens de forma consciente e responsável. Entre esses, encontram-se os camponeses agroecológicos, que além de produzir sem insumos químicos, buscam a diversificação da produção no seu estabelecimento rural, tendo em vista a redução da agressão ambiental, a busca da autonomia de produção e comercialização e, sobretudo, a construção de um território mais autônomo.

Porém, há um movimento crescente de agricultores que buscam produzir de modo alternativo ao modelo do grande capital mesmo não tendo visibilidade na sociedade de modo geral, nos meios de comunicação e nas políticas públicas. Por isso que, através de muita resistência e luta alguns grupos se organizam, se contrapondo ao sistema capitalista de produção

que, por vezes, escraviza e prejudica o camponês, proprietário, posseiro, concessionário e o trabalhador rural. Esses grupos persistem e resistem construindo o modelo alternativo de produção de alimentos e de vida de um modo geral. Entre os grupos que buscam uma forma alternativa de produção abordaremos neste trabalho, um grupo que se dedica a produção agroecológica.

Segundo Altieri (2004) a prática da agricultura agroecológica traz consigo alguns desafios, sendo eles no campo ambiental, econômico, social, territorial e tecnológico. Estes desafios são reforçados em Porto Gonçalves (2006) que provoca o debate sobre o modelo de desenvolvimento na sociedade atual, onde prevalece a exploração desenfreada dos recursos naturais, com o objetivo de aumentar a produção para abastecer o mercado consumidor, que cresce cada dia mais. Porto ainda traz para a discussão o desenvolvimento e uso das tecnologias, onde a máquina substitui o homem e o modelo de produção onde não há espaço para técnicas tradicionais, considerando-as como obsoletas.

É neste cenário globalizado do capital que a agroecologia busca sobrevivência, disputando território com as grandes indústrias, fazendas e corporações. Estas disputas não acabam com a conquista da certificação de propriedade agroecológica e com o espaço conquistado no mercado consumidor, pois as disputas ideológicas são muito mais acirradas e difíceis de serem resolvidas. Nesse sentido, Saquet (2014, p. 136), afirma que,

Há necessidade de estudar, valorizar e ampliar as experiências menos degradantes do ambiente, que contribuam para, pelo menos, conservar a biodiversidade, o patrimônio ecológico e cultural (aqui entendido como patrimônio territorial da humanidade), tentando potencializar a autonomia decisória das famílias e a produção de alimentos sem insumos químicos.

Nesse sentido, defender o fenômeno agroecológico no Brasil, país colocado como maior consumidor de agrotóxicos no mundo, é uma tarefa de contramão e por isso exige daqueles que fazem esta defesa, persistência, energia e bastante fôlego, haja vista que, as práticas agroecológicas são qualificadas como um ato perturbador, por se colocar contrário aos pressupostos da modernização da agricultura e ao discurso hegemônico do progresso da agricultura. No entanto, se por um lado, cresce e floresce o agronegócio no Brasil e na América Latina, contraditoriamente, também cresce e floresce o interesse pela agroecologia.

Segundo dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e do Observatório da Indústria dos Agrotóxicos da Universidade Federal do Paraná divulgados durante o 2º Seminário sobre Mercado de agrotóxicos e

Regulação, realizado em Brasília, DF, em abril de 2012, enquanto nos últimos dez anos o mercado mundial de agrotóxicos cresceu 93%, o mercado brasileiro cresceu 190%. Em 2008, o Brasil ultrapassou os Estados Unidos e assumiu o posto de maior mercado mundial de agrotóxicos. (CARNEIRO, F.F. [et al.], 2015, p. 49)

Os dados revelados no Dossiê Abrasco mostram a dependência da agricultura brasileira em relação as multinacionais produtoras de veneno e transgênicos típicos do cultivo monocultor, porém é preciso destacar a ascensão do mercado orgânico que muito se diferencia da agroecologia, sabendo que o produto orgânico muitas vezes advém de unidades produtivas que o único diferencial da agricultura convencional é o não uso de venenos e demais produtos químicos, mas possui prática de monocultura, sem necessariamente promover a rotatividade de plantio e demais demandas sociais e ambientais que são características de unidades produtivas agroecológicas.

É essencial assinalar que segundo Camargo (2007, p.161), a agroecologia diferencia-se das chamadas agriculturas alternativas e é compreendida através de aspectos diferentes dos padrões vigentes, ou seja, considera o policultivo, o manejo em áreas menos aptas, a maior intensificação possível do trabalho e menor de capital. Em se tratando de agricultura que segue os princípios da agroecologia, suas orientações e decisões são dadas a partir da cultura e do agroecossistema local, segundo a autora, mesmo quando imersa no sistema capitalista de produção e pressionada pelo mercado capitalista.

A independência das indústrias ou de quaisquer outras amarras externas é a proposta da agroecologia e tem como uma das metas a busca de uma certa autonomia, no sentido de que, esses agricultores possam definir o que produzir e quais técnicas ecológicas irão utilizar. Essa independência na prática não é tão livre, necessitam estar alinhados com a necessidade do mercado, pois a venda dos produtos por mais que ainda não represente a única renda é a complementação dela.

A agroecologia vai mais além do uso de práticas alternativas e do desenvolvimento de agroecossistemas com baixa dependência de agroquímicos e de aportes externos de energia. A proposta agroecológica enfatiza agroecossistemas complexos n as quais as interações ecológicas e os sinergismos entre seus componentes biológicos promovem os mecanismos para que os próprios sistemas subsidiem a fertilidade do solo, sua produtividade e a sanidade dos cultivos. (ALTIERI, 2012, p.105)

Segundo Caporal; Costabeber (2004, p.12), na Agroecologia é central o conceito de transição agroecológica, entendido como um processo gradual e multilinear de mudança, que

ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, que, na agricultura, tem como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção à estilos de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica.

[...] Essa ideia de mudança se refere a um processo de evolução contínua e crescente no tempo, porém sem ter um momento final determinado. Entretanto, por se tratar de um processo social, isto é, por depender da intervenção humana, a transição agroecológica implica não somente na busca de uma maior racionalização econômico-produtiva, com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais. (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p.12).

Caporal e Costabeber (2004) alertam para o necessário entendimento de que quando se fala de Agroecologia, está se tratando de uma orientação cujas contribuições vão muito além de aspectos puramente tecnológicos ou agrônômicos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade.

É com base nesse referencial teórico que estão sendo analisados os agricultores do Assentamento São Joaquim localizados no município de Teixeira Soares, Paraná. Nota-se que, produzir alimentos a partir dos princípios agroecológicos é ainda hoje um grande desafio, por inúmeros motivos, pois na prática é romper com um modelo que oprime e penaliza os trabalhadores rurais que se tornam reféns da indústria, da qual dependem para desenvolver a agricultura e para colocação da sua produção, ou melhor, para a comercialização.

### **Assentamento São Joaquim: breve histórico e produção agroecológica**

Teixeira Soares é um pequeno município do interior do Paraná, cuja população total segundo IBGE(2010) é de 10.283 (dez mil, duzentos e oitenta e três) habitantes, destes 5.487 (cinco mil, quatrocentos e oitenta e sete) vivem em áreas rurais, distribuídas e diversas comunidades rurais e distritos, sendo, portanto, um município predominantemente rural.

O grupo de agricultores que contribuíram para esta pesquisa residem no assentamento São Joaquim, a aproximadamente 30 Km da área urbana. Conforme relatam, em 16 de outubro de 1987 um grupo de 25 pessoas chegaram na fazenda, onde foi criado o assentamento em estudo. As primeiras pessoas que participaram da ocupação eram de famílias diversas, pois não

vieram no primeiro momentos com suas famílias. Com o passar do tempo estas foram se organizando e trazendo seus familiares para o assentamento.

A fazenda ocupada tinha uma área de 1.936 (um mil, novecentos e trinta e seis) hectares de mata secundária, pois a madeira de maior valor agregado os donos já haviam explorado e vendido nas madeireiras da região. Relatam que ao chegarem o primeiro passo foi fixar uma cruz ao chão onde tornou o ponto de referência para as orações e mais tarde a igreja da comunidade, depois construíram as barracas de lona. Nem todos haviam trazido alimentos, por isso logo tiveram que repor o estoque de alimentos. A alimentação e o trabalho eram baseados na solidariedade do grupo. Lembram também a forma que eram tratados na cidade, sempre com desdém e medo. Esse tratamento recebido é atribuído à visão distorcida veiculada pelos meios de comunicação de massa, sobre o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Segundo relatos dos respondentes, assim que chegaram no local onde hoje está o assentamento, começaram a lavrar a terra, cultivando, inicialmente, trigo, arroz e feijão, também trabalhavam de bóia-fria para agricultores da região e praticavam o extrativismo da erva-mate. Também criavam animais para consumo, como porco e galinha. Lembraram da dificuldade em desenvolver a agricultura, devido ao solo empobrecido e a dificuldade do trabalho manual. Esse período inicial, foi marcado por fortes mobilizações na prefeitura e no Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA em Brasília para regulamentar a posse da terra e garantir acesso as políticas públicas voltadas para a agricultura. Alguns anos depois com recursos do Incra adquiriram trator e calcário, a partir daí com o solo corrigido conseguiram aumentar a produção, assim melhorando também as condições de vida no assentamento.

Entretanto, com o acesso à maquinários (trator e implementos) começaram a fazer uso de agroquímicos e agrotóxicos. Antes, produziam no sistema orgânico, ou seja, sem utilizar produtos químicos industriais. O sistema agroecológico, foi retomado por eles, com a chegada de pesquisadores onde formaram os grupos e retomaram o trabalho agora com princípios agroecológicos. Todavia, para o sustento da família, principalmente para o mercado ainda hoje produzem no modelo convencional, mas as áreas destinadas a produção agroecológica têm aumentado a cada ano, passando assim para o processo de transição agroecológica.

### **A produção agroecológica no Assentamento São Joaquim**

Os agricultores sujeitos participantes da pesquisa, tomaram conhecimento dos princípios agroecológicos nos encontros de formação proporcionados pelos pesquisadores, em seguida se organizaram em grupos. No início eram 25 pessoas que compunham o grupo, atualmente são 9 pessoas que praticam agricultura com a orientação agroecológica.

Esses agricultores, produzem os seguintes alimentos: feijão comum, mandioca, brócolis, couve, couve-flor, escarola, repolho, alface, almeirão, pimentão, tomate estaqueado, abobrinha, chuchu, pepino, rabanete, batata-doce, beterraba, cenoura, feijão-vagem, cebola, cebolinha, salsa, milho verde, limão, laranja - lima e pera, por eles conhecida como pera-da-terra.

Na agropecuária convencional produzem para o mercado soja, milho, arroz, feijão, leite e seus derivados e panificados. Os dois últimos estão em processo de transição mas ainda utilizam na pecuária os fármacos convencionais e na panificação utilizam trigo e açúcar produzidos convencionalmente.

Mesmo com a organização que o grupo possui hoje a renda familiar é baseada na mistura entre produtos orgânicos e convencionais, porém o que de fato mantém a família é a produção convencional.

Percebemos na descrição anterior da produção de alimentos que os produtos agroecológicos são basicamente hortaliças e, a qual depende de projetos governamentais ou parcerias com outros grupos para poder realizar a venda. Atualmente este grupo entrega alimentos para órgãos públicos municipais via Programa de Aquisição de Alimentos-PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE. Nos projetos por eles citados, registra-se também a entrega de panificados (pão de forma, cuca e bolacha), produção essa que se utiliza da matéria-prima industrializada ou produzida no sistema convencional.

Figura1: Alimentos prontos para comercialização



Fonte: Bakovicz, 2017

A foto acima mostra os produtos prontos para serem comercializados. Normalmente os agricultores realizam a colheita no dia anterior e organizam a produção em caixas para facilitar o carregamento e depois, os produtos seguem até o seu destino. O trabalho é realizado com mão-de-obra familiar e quando necessário com ajuda dos demais integrantes do grupo, priorizando o trabalho coletivo e a solidariedade.

Além da dificuldade de acesso ao mercado, os agricultores também apontam como dificuldade do grupo, a concentração de terras apontando que boa parte dos 1.936 (um mil, novecentos e trinta e seis) hectares do assentamento é dominado por agricultores da região que são considerados grandes produtores. Esses utilizam as terras para produção de soja, dificultando a construção de barreiras para isolar a produção orgânica com o objetivo de evitar a contaminação. São utilizadas nas barreiras principalmente, Capim Elefante, Capim Napier e Erva Mate.

Segundo (Dabbert, 1986 apud Schimitt, 2013, p. 186) a renda de uma unidade produtiva durante o processo de transição de um manejo químico-intensivo para um manejo orgânico, seria afetada por cinco tipos diferentes de *efeitos* entre os quais se incluem: as alterações geradas ocorridas nos sistemas de rotação de culturas; o *efeito da transição biológica*, ou seja, as perdas de produtividade que ocorrem até que a fertilidade do solo e os mecanismos de controle natural de pragas e doenças sejam restabelecidos no nível do sistema; as mudanças desencadeadas mudanças desencadeadas no nível dos preços



recebidos. Estas tanto podem ter um impacto positivo, nos casos em que o produto passa a ser vendido a um preço diferenciado no mercado de produtos orgânicos, como um impacto negativo, quando as perdas em produtividades não são compensadas por uma relação de troca mais favorável com o mercado de produtos agrícolas; o *efeito aprendizagem*, ou seja, as perdas em produtividade relacionadas à falta de experiência ou de informação dos agricultores em relação aos métodos de agricultura orgânica; o *efeito estabilização*, obtido a partir da superação dos limites biológicos e gerenciais enfrentados pelos agricultores.

Os agricultores agroecológicos estão organizados em grupos, esse é um modelo de cooperação que contribui para o fortalecimento dos agricultores que ganham força na produção e na participação no comércio local, conquistando seu espaço e contribuindo para uma alimentação mais saudável, e um planeta menos poluído e degradado. Todavia, mesmo sendo altamente reconhecida e louvável a atitude desses agricultores é importante considerar que a impossibilidade de acesso ao processo de modernização a agricultura pela grande parcela da população de agricultores, por vezes representa a continuidade ou retomada da produção agrícola de menor escala e sem uso de insumos ou defensivos químicos, pode estar demonstrando uma falta de opção ou mesmo uma nova oportunidade de inserção no mercado. Aos poucos, uns por opção e outros por ser a única forma de continuar a produzir, passaram a apropriar-se do discurso dos “alimentos orgânicos”, o qual começava a se constituir um nicho de mercado cada vez mais promissor.

Esse nicho é sustentado pelas classes média e alta que, preocupadas com a sua dieta alimentar, diferenciam produtos orgânicos dos demais, considerados não ecologicamente corretos, e cujo poder aquisitivo lhes permite pagar o preço representado por tais alimentos e seus derivados. É, portanto, nesse sentido que a adoção de práticas alternativas de manejo por si só não significa existir um posicionamento de contraposição à lógica de produção. Com essa perspectiva, o presente trabalho buscou apresentar as práticas desenvolvidas por esses agricultores conforme os princípios da agroecologia e os desafios e dificuldades enfrentadas por esse pequeno grupo, no processo de transição agroecológica.

### **Considerações finais**

Até o momento, não é possível revelar a tentativa da transição agroecológica tem sido um sucesso ou um fracasso. A questão é muito complexa para uma resposta fácil. Diante disso, acredita-se que a análise resultará em dados que permitirão dizer que os agricultores estão buscando se livrar da dependência. É notável o fato de que os assentados têm tentado trazer de

volta à nossa consciência o significado e a importância dos bens naturais que, foram despreocupadamente, transformados em recursos a serem, da mesma forma, explorados. Qualquer que seja o problema a ser enfrentado por esse grupo, nota-se que o que eles buscam se alimentar e alimentar a população, sem degradar o ambiente, em sua dimensão ampla.

### Referências Bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva a agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CARNEIRO, F.F.; AUGUSTO, L.G.da S.; RIGOTTO, R.M.; FRIEDRICH, K.; BÚRIGO, A.C. (orgs). **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CAMARGO, Paula. Fundamentos da transição agroecológica: racionalidade ecológica e campesinato. *AGRÁRIA*, São Paulo, nº 7, pp. 156-181, 2007.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Desenvolvimento, tecnociência e poder**. In: A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro, Civilização, 2006, p. 59-89.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Agricultura camponesa e práticas (agro) ecológicas. Abordagem territorial histórico-crítica, relacional e pluridimensional**. *Revista Mercator*, Fortaleza (CE), v. 13, n. 2, p. 125-143, mai./ago. 2014.

SAUER, Sérgio; BALESTRO, Moisés Villamil (organizadores). **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCHIMITT, Claudia Job. **Transição agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira**. In: SAUER, Sérgio; BALESTRO, Moisés (orgs.). *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica*. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 172- 198.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Atlas do Censo demográfico 2010**. <<https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>>. Acesso em 10 de set. 2017.